

GOUVEIA, M.S.F. **Cursos de ciências para professores do 1º grau:** Elementos para uma política de formação continuada. Campinas, 1992. (tese de doutorado)

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim*

1. INTRODUÇÃO

Na tese objeto desta resenha, Mariley Simões Flória Gouveia, atualmente professora do Instituto de Geociências da UNICAMP, discute, de uma maneira globalizante, a questão da melhoria do Ensino de Ciências, numa perspectiva de "*reflexão sobre os cursos destinados à formação continuada de professores de ciências do 1º grau*", que a obriga a "*retomar fatos passados e analisá-los no contexto social e político no qual se inseriram e foram praticados; levantar o que existe por trás desses cursos e o porquê deles; e, a partir daí, desvendar suas verdades e mitos.*" (p. 01, modificado).

Inclusive, a procura de elucidação das verdades e mitos presentes nos cursos de treinamento de professores de Ciências é o cerne da problematização que a autora impõe à sua tese, mostrando o mito que acompanhou os cursos que pretendem fazer a melhoria do ensino via soluções pedagógicas desgarradas do cotidiano da escola e de aspectos sociais, políticos e econômicos.

A autora estabelece a dualidade dos cursos de Ciências como condição necessária, mas não suficiente para a melhoria da qualidade do ensino. Em suas palavras:

"Enquanto condição necessária, acreditamos que os cursos de Ciências constituem-se em espaços alternativos para o professor do ensino fundamental analisar criticamente o cotidiano de sua prática docente, ultrapassando os limites dos conteúdos científicos e se colocando criticamente no contexto histórico em que essas práticas são propostas e executadas". Enquanto condição não suficiente, acreditamos que os cursos de Ciências procuram atacar a questão do ensino de modo equivocado, uma vez que podem ficar aprisionados pelas propostas político-educacionais hegemônicas. A questão da melhoria do ensino de Ciências é complexa e não pode ser encarada ou resolvida apenas do ponto de vista técnico-pedagógico, pois é também uma questão política." (p. 03 e 04)

*Professor de Ciências e Biologia no ensino Fundamental e Médio do Estado de São Paulo; Mestrando em Educação na UNICAMP - Campinas - SP.

Dentro das proposições anteriores, fica claro como serão analisados os cursos de Ciências. Se olharmos o título de sua tese, notaremos que a autora pretende estabelecer **elementos para uma política de formação continuada**. Atenta-nos a presença das palavras política e formação continuada.

No tocante à formação continuada, a autora explicita seu pensamento afirmando ser "*a docência algo mais que ministrar aulas: é um constante pensar, agir e mudar.*" (p. 236). Salienta a importância de, durante os cursos, acompanhar a prática pedagógica de cada participante.

Já o seguinte parágrafo retrata a concepção de política presente no título de sua tese:

"(...) o objetivo de todo o processo político-educativo é o desenvolvimento das capacidades e dos potenciais de cada docente, para sentir, pensar e agir de forma autônoma, crítica e criativa, no contexto dos grupos sociais em que vive e trabalha. Este objetivo revela uma ação político-educativa não neutra e, conseqüentemente, não apenas técnica." (p. 239)

2. A ESTRUTURA DA TESE, SUA METODOLOGIA E RESULTADOS

É imprescindível ressaltar, antes que passemos a relatar as fontes de consulta e a metodologia utilizada na tese, que a autora não segue um caminho linear, nem limitado. O que caracteriza positivamente o seu trabalho é a colocação de uma gama de fatores que considera influentes para a visão real do seu objeto de estudo. Dentro da metodologia de análise dos cursos, do ponto de vista de suas propostas para as décadas de 60, 70 e 80, a autora-pesquisadora "*deve ser vista como um professor de Ciências que analisou tanto a sua prática docente como a de outros, com a finalidade de extrair delas os componentes necessários à reformulação de sua própria prática.*" (p. 12)

Como foco de estudo, considera cursos de atualização, treinamento e especialização (pós-graduação lato sensu), ministrados no Estado de São Paulo, nas décadas de 60, 70 e 80, tendo como clientela professores da rede pública. Analisou os cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo através do CECISP (Centro de Ciências de São Paulo), FUNBEC (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências) e IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura), pelo Programa de Melhoria do Ensino de Ciências, pelo convênio CENP/Universidades públicas paulistas e pelo sub-projeto Educação para Ciências (SPEC) - convênio CAPES/PADCT.

Para quem atua diretamente no ensino de Ciências, o conhecimento do trabalho de órgãos como o IBECC, a FUNBEC e o CECISP bem como a

utilização de suas propostas é quase inevitável. Uma indagação, porém, fica para os que desejam compreender a realidade do ensino de Ciências no cotidiano escolar: por que tais propostas não foram efetivamente incorporadas pelos Professores de Ciências e implantadas nas escolas?

Toda a discussão da tese divide-se em três partes, que não se excluem:

1ª parte: cenário global das três décadas abordadas e a compreensão melhor possível do movimento histórico desse período.

2ª parte: entendimento do cenário específico dos cursos de Ciências, identificando e estudando suas propostas, seus atores e, ao mesmo tempo - à luz do cenário global - analisando, refletindo e interrogando tais atores.

3ª parte: simbiose do geral e do específico no particular - a experiência individual (tentativa de síntese superadora).

Quanto à caracterização dos cursos de treinamento de professores nessas diversas décadas, a autora baseia-se em 4 questões:

1 - Qual a concepção de aquisição do conhecimento que transparece nos cursos?

2 - Qual o papel do professor de Ciências frente às mudanças propostas?

3 - Qual o papel do especialista em ensino de Ciências com relação às mudanças?

4 - Qual a relação da prática docente de cada professor com as mudanças sugeridas?

As décadas de 60/70 podem ser examinadas conjuntamente, pois as propostas estiveram influenciadas pela tentativa de "innovar". As inovações, porém, foram reduzidas a ações técnico-pedagógicas. Nos cursos dessas décadas, o professor era um mero executor de projetos, elaborados por especialistas. Os cursos preocupavam-se com o conteúdo, o método, a técnica, os materiais didáticos, marginalizando a prática docente do professor. O ponto de partida e o de chegada eram o projeto de ensino, que deveria ser adaptado à realidade escolar.

Já nos anos 80, para alguns cursos, a forma e o conteúdo são praticamente os mesmos das décadas passadas. Mas há cursos que estabelecem diferenças significativas, onde *"a aquisição do conhecimento não se faz por simples substituição, mas é algo a ser elaborado pelo próprio professor; o especialista é co-autor das propostas de melhoria, tendo os professores como parceiros nesse processo; a prática docente é a fonte principal, ainda que não exclusiva, dos conhecimentos a serem adquiridos."* (p. 150, modificado).

3. UMA FINALIZAÇÃO COM PERSPECTIVA DE CONTINUIDADE

No capítulo intitulado **Cenário Particular: Trajetória Individual Revisitada**, a autora percorre o extenso caminho de sua história como professora de Ciências, participante dos movimentos de inovação do ensino dessa disciplina. Cita as passagens por vários órgãos e instituições e re-analisa sua ação na ótica que caracteriza o seu trabalho. Reconhece quais são os elementos revolucionários e alienantes; como se deu a criação de mitos que impediam a visão de limitações nas propostas. *"A reorganização se fez através de um olhar diferente para a realidade, ancorado nas reflexões e novos parâmetros para analisar o cotidiano da prática docente."* (p. 233).

Incluídos na sua concepção atual sobre os cursos de formação de Professores estão a *"necessidade de o professor participar do processo de mudança, como também a prática docente entendida como 'cotidiano'"*. (p. 237) Como conclusão final, destacamos que *"os cursos de Ciências são um espaço necessário para estudos mais críticos sobre a educação em Ciências e para proporcionar condições a fim de que seus participantes consigam dar um salto de qualidade de suas práticas pedagógicas. As verdades (possíveis abrangências dos cursos) devem ser mais reais em relação aos objetivos propostos."* (p. 235, modificado). A preocupação com uma avaliação contínua da metodologia desses cursos e a nítida negação de estar querendo propor "receitas revolucionárias" expressa-se, também em sua discussão, na qual aponta ser *"preciso cuidar para que não seja inventado um novo mito e achar que com esta proposta de trabalho a melhoria do ensino de Ciências estará garantida"* (p. 227). Não estabelece, pois, uma proposta já finalizada, acabada, mas, sim, um constante repensar e mudar.

Leitura obrigatória para os que praticam, pesquisam ou se interessam pelo Ensino de Ciências, particularmente no que se refere à formação de professores, a tese de Mariley S.F. Gouveia inova e se faz inédita frente ao tema analisado. Não mais teremos aqui a análise fria, imparcial, típica de autores que, apesar de terem participado dos movimentos de inovação do ensino de Ciências, levantam dados e os discutem como observadores externos.